

5

Uso do Computador e da Internet e seus (e)-feitos no cotidiano docente: apresentação e discussão dos resultados da pesquisa

Antes de iniciarmos a exposição dos resultados propriamente ditos, algumas considerações se fazem necessárias. A primeira diz respeito aos itens do roteiro. Como será percebido abaixo, não apresentaremos, item por item, as respostas obtidas, e sim somente as respostas dadas às perguntas diretamente relacionadas ao tema do estudo.

Procuramos, na análise do material coletado, fazer uma divisão por categorias baseada nas colocações recorrentes encontradas nas respostas dos professores articulando com as categorias apresentadas pelos teóricos no capítulo dois.

Apresentaremos, a seguir, alguns trechos considerados mais representativos de tais respostas. Antes, porém, acreditamos ser interessante fornecer ao leitor um perfil dos professores entrevistados.

5.1

Transformação: o antes e o agora. Novas formas de pensar e fazer o cotidiano de trabalho dos professores de ensino superior

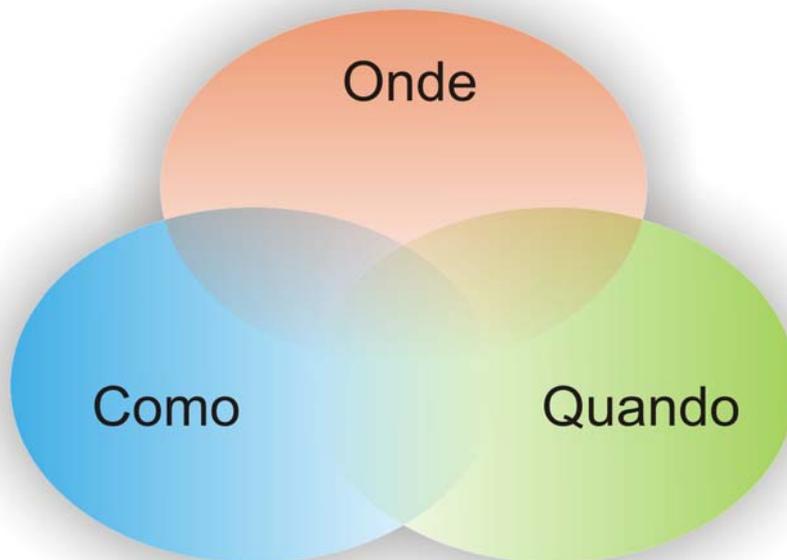
*“Nada do que foi será
De novo do jeito que já foi um dia
Tudo passa
Tudo sempre passará
A vida vem em ondas
Como um mar
Num indo e vindo infinito
Tudo que se vê não é
Igual ao que a gente
Viu há um segundo
Tudo muda o tempo todo
No mundo
Não adianta fugir
Nem mentir*

*Pra si mesmo agora
Há tanta vida lá fora
Aqui dentro sempre
Como uma onda no mar (...)*
(Lulu Santos, *Como uma onda no mar*)

É fato: o ritmo com o qual as mudanças estão acontecendo altera significativamente a maneira como pensamos, sentimos e nos comportamos. Assim como as marés alteram o ritmo de trabalho dos pescadores, a inserção das referidas tecnologias digitais, também reorganiza o cotidiano de trabalho docente.

Ao analisar as possíveis mudanças no trabalho dos professores de ensino superior decorridas, provavelmente, pela inserção das Novas Tecnologias da Informação, pudemos visualizar, através da fala dos professores, indicadores da necessidade de mudanças na prática acadêmica e no modo como eles estão assimilando as mesmas. Provavelmente, pois nem todos os professores atribuem à inserção do computador e da *Internet* como os únicos responsáveis pelas mudanças no seu cotidiano no trabalho.

Para detalhar melhor o discurso dos profissionais procuramos subdividir a análise dos resultados em cinco categorias: Automatização, Rotina, Relações Interpessoais, Trabalho x Lazer e Real x Virtual. Assim, em todos esses aspectos, analisaremos quais tem sido os principais usos do computador e da *Internet* relatados pelos professores na sua prática docente. Em um primeiro momento, podemos dizer que os usos variam em espaço, tempo e forma, que representam respectivamente: onde, quando e como fazem uso do computador e da *Internet*. Inicialmente os professores dizem usar no trabalho e em casa (onde); só usam se há necessidade - nesse caso poderemos observar que “necessidade” está ligada diretamente a trabalho – (quando) e atribuição, pelos próprios professores de fazerem um bom uso e um mau uso (como) como indica o esquema abaixo:



Embora todas as categorias acima destacadas contenham características equivalentes, a maioria dos professores relatou que o computador é usado como sinônimo de: colaborador, aliado, divisão de tarefas, ferramenta, caixa de ferramentas, automatização de tarefas que vêm modificar algumas categorias no mundo do trabalho.

5.1.1

Automatização

Pôde-se perceber no discurso dos professores, ao longo das entrevistas, certa confusão no que diz respeito às novas atribuições e principais atividades acadêmicas realizadas.

Porém, pôde-se perceber, através da pesquisa, que muito mais significativo do que o surgimento de novas tarefas é a mudança no formato de tarefas habituais da profissão docente. As atividades que merecem destaque e que são pertinentes ao trabalho acadêmico podem ser elencadas da seguinte forma: a) no que se refere ao uso do computador e da *Internet* integrados: pesquisar artigos científicos, receber trabalhos e esclarecer dúvidas de alunos por e-mail, participar de grupos de discussão das disciplinas que leciona; b) no que se refere ao uso somente do

computador: organização de material das disciplinas, preparação das aulas, armazenamento de dados tais como provas, exercícios e textos.

O desenvolvimento de tais tarefas nunca foi tão prático. Antes da existência do computador, o conteúdo da disciplina era organizado em cadernos, fichas feitas à mão ou datilografado. Bastava um erro para que o material fosse totalmente perdido: não há condição de errar, apagar e reescrever no mesmo lugar sem a danificação do papel e a enorme “perda de tempo”. O jeito era fazer tudo novamente. Além disso, o montante de papéis guardados era incontável. Hoje todos os documentos utilizados pelos professores podem ser armazenados em pastas no próprio computador, o que pode melhorar a organização do material preparado e do próprio local de trabalho.

Embora tenhamos essas e outras vantagens com a automatização de algumas tarefas acadêmicas, o material, cuidadosamente preparado pelo professor, nem sempre pode ser usado em sala de aula, pois lá falta a tecnologia apropriada e indispensável para o uso pleno do mesmo. Isso nos leva a pensar e questionar: não poder aproveitar, em sala de aula, efetivamente, o material preparado esbarra em obstáculos humanos (pessoais, dos próprios professores) ou em obstáculos materiais? (a real falta de recursos e infra-estrutura da instituição).

Seja por deficiência humana ou material, a aula do professor não muda muito em termos qualitativos e nem quantitativos, pois a elaboração das aulas em slides mais sofisticados não garante o aumento de aprendizado do aluno, nem sequer a mudança para uma metodologia de aula mais adequada.

Assim, pode-se pensar que não é a tecnologia por si só que determinará o sucesso ou o fracasso nos processos de ensino e aprendizagem; se o professor irá desenvolver sua aula e o aluno irá aprender mais ou menos, não será a tecnologia em si - pelo menos com os recursos disponíveis e utilizados até o momento - que irá garantir o resultado esperado. Este dependerá, sobretudo - não eliminando a influência do professor -, da percepção e da motivação que os alunos têm em relação ao conteúdo que está sendo exposto. Como diz um professor:

Acho que piorou pro aluno, pois você joga o conteúdo todo primeiro e o aluno não lê. Antes, o que acontecia? Quando o professor escrevia no quadro o aluno já ia lendo antes e depois o professor explicava (...). A aprendizagem seria a mesma hoje dando aula no quadro, na transparência ou no data show, porque hoje as pessoas não querem aprender. Antigamente os alunos queriam e tinham interesse de aprender.”

Nesse momento, pode-se pensar que o uso do computador e da *Internet* não produziram grandes alterações no cotidiano de trabalho docente. Essa idéia seria verdadeira se o trabalho do professor se resumisse em dar aulas, mas, como se sabe e já foi dito anteriormente, não param de surgir novas atribuições, tais como: atualização freqüente do *Currículo Lattes*, preenchimento de relatórios, lançamento de notas no site da universidade, especificação do seu cronograma de aula, incluindo material didático, na página do curso em que leciona, entre outras.

De todas as atividades realizadas pelo professor de ensino superior no contexto acadêmico, afora tais novas atribuições, uma das que têm sido mais influenciadas pela automatização é a que diz respeito à produção de conhecimento. Fica difícil mensurar os efeitos que a aceleração da produtividade, em um mesmo espaço de tempo, ou até menor, pode acarretar. Ora, a natureza das coisas é diferente. Uma coisa é uma máquina onde nela é aumentada a capacidade de produção, outra “coisa” (*e aqui coloca-se coisa de propósito*) é o homem, que, se por sua vez, pode aumentar sua capacidade de produção, não pode ser automatizado como algumas pessoas acreditam ser possível.

Além de considerarmos duas estruturas de funcionamento bem singulares, seres humanos e computadores têm seus limites na assimilação, armazenamento e processamento de informações. Dessa forma não há como comparar “espécies” tão diferenciadas. O medo que as pessoas têm de que o computador domine o homem, não deveria passar de uma emoção inicial, diante do que é novo, pois um não substitui o outro na produção de conhecimento.

Talvez esse sentimento esteja relacionado ao que Sennett, Bauman e Castells se referiam quando falavam da mudança na relação tempo e espaço na contemporaneidade. Segundo os autores, o tempo tornou-se mais flexível e varia, portanto, de acordo com as demandas profissionais e pessoais. O que pôde-se perceber é que, muitas vezes o trabalho “invade”, mesmo no caso dos professores, outros espaços dedicados à família e ao lazer. Dessa forma, as pessoas têm a sensação de certo descontrole em relação à sua vida profissional e, conseqüentemente, pessoal.

Nesse sentido, a produção de conhecimento exigirá muito mais que o domínio de algum assunto específico na sua área de atuação ou do computador; exigirá também, do professor, a habilidade de administrar seu tempo.

Na relação tempo e produtividade, o que, significativamente, mudou foi o processamento do trabalho, ou seja, como os professores elaboram suas aulas, como eles se comunicam com coordenadores e alunos, como eles se atualizam e como eles escrevem seus trabalhos científicos.

Com processadores mais potentes, pode-se, em tese, aumentar a produção em menor tempo. Essa lógica pode ser aplicada se estamos falando “somente” de máquinas, mas, ao contrário do que se pensa, essa lógica vem sendo “imposta” a todos nós - “seres mortais”- sem levar em consideração as características singulares de cada sujeito.

A automatização das atividades não automatiza, obrigatoriamente, o sujeito. Entretanto, ao levarmos em consideração “somente” a tecnologia, pode-se admitir a seguinte equação: (Quantidade x Tempo + Qualidade = sofisticação tecnológica).

Algumas tarefas já são percebidas pelos professores como automatizadas, por exemplo, o agendamento de uma reunião e a comunicação com seus alunos sobre mudança de sala, compartilhamento do material didático, entre outras. No entanto, parte dos professores é a favor da automatização da comunicação na universidade desde que a forma de divulgação das informações esteja clara para todos os interessados:

“Hoje a coordenação te manda o e-mail. É claro que as pessoas têm que ter ciência disso. Não é simplesmente mandar o e-mail e pronto! Essa forma de comunicação automatizada tem que ser comunicada: olha minha comunicação com você vai ser via e-mail!”

“Porque tudo meu é informatizado, todas as turmas que eu tenho, tem um e-mail coletivo. Aí eu me comunico com a turma por ali. Por e-mail eu falo: a aula vai ser não sei aonde... compareça em tal lugar.”

“Uso Orkut com meus alunos, inclusive tenho comunidades ligadas à parte acadêmica. Ali eu abro fóruns sobre tudo o que acontece na universidade, com minhas turmas.”

“(...) tem muitas vantagens em usar a Internet no meu trabalho, porque quando eu comecei a dar aula, não existia nada disso, então automatiza a elaboração de provas, comunicação com os alunos, dá uma série de automatizações (...).”

Assim, para que os professores, como também a instituição de ensino, possam alcançar os resultados desejados, é que ambos devem aproveitar, ao máximo, o processo de informatização. Para isso, são necessárias inovações, tanto

da própria instituição como também dos professores no sentido de qualificá-los e prepará-los para sustentarem as inovações tecnológicas e suas implicações em suas tarefas diárias.

5.1.2

Rotina: usos e desusos

“Algumas pessoas se preocupam com a divisão social entre os ricos e os pobres de informação, os abastados e os despossuídos, o Primeiro e o Terceiro Mundo. A verdadeira divisão cultural, porém, apartará gerações” (Nicholas Negroponte, p. 11, 1995).

“Há pessoas que amam a rotina, outras que verdadeiramente a abominam. Para as primeiras, a rotina constitui um meio de situar-se, de manter uma certa disciplina e organização produtivas. Para as últimas, rotina é pura carece, convite ao tédio mortal, “descurtição”, pasmaceira... Para estas, o bom da vida é viver o que pintar, numa boa, sem regras ou métodos, e, principalmente, sem rotina.” (Galasso, L. Ser mãe é sorrir em parafuso. SP: Ática, 1988).

A rotina já não é mais a mesma. Da mesma forma que se tem a idéia de que virtual é tudo aquilo que não tem concretude material, rotina refere-se à monotonia, um evento que acontece quase sempre da mesma forma e com uma freqüência tal que se pode até admitir uma previsibilidade de acontecimentos.

Etimologicamente, o conceito de rotina vem do francês *route*, “caminho muito freqüentado”. Pelo mecanismo da metáfora *route* ou rota, virou rotina, ou seja, aqueles caminhos muito freqüentados em nossas vidas, as repetições que estruturam, de algum modo, nosso tempo cotidiano.

Embora seja prática do professor - e, talvez, necessidade - planejar tais atividades em sua própria residência, é fato que o volume de trabalho ligado ao papel de professor aumentou em função da exigência de aceleração no desenvolvimento de artigos, livros e outros documentos pertinentes à atividade acadêmica.

Como podemos observar nos relatos de alguns professores, as tecnologias não alteraram significativamente a relação entre a sua rotina e o seu espaço de trabalho. O que alterou foi a relação: rotina + (quantidade x tempo), ou seja, em menos tempo tem-se de produzir mais. Por outro lado, parece não ter sido, necessariamente, a natureza do trabalho em si que mudou, mas a velocidade com

que ele é realizado acarretando, conseqüentemente, aumento no volume de trabalho, como pode-se observar na fala abaixo:

“A sensação que eu tenho é que a gente trabalha mais porque o volume de trabalho que chega é muito maior e muito mais rápido. Eu respondo por dia uma média de 30 mensagens (de alunos), fora aqueles e-mails de colegas”.

A sensação inicial de que com o computador, ou seja, com a automatização das tarefas, “sobraria” tempo livre para o lazer parece ter sido realmente ilusória. Os professores afirmam que, em um primeiro momento a sensação de “tempo livre” é real, mas ela perdura por pouco tempo; tão logo ligam seu computador pela manhã e vão checar seus e-mails, vêm-se necessitando de prolongar mais o dia. Dessa forma, mesmo com todas as vantagens até agora conhecidas pelos professores, o uso do computador fez com que não só a carga de trabalho aumentasse, mas também o número de atribuições, fazendo com que o professor não consiga, efetivamente, usufruir seu “tempo livre”, até mesmo porque o “tempo livre” deixa de existir já que ele é preenchido por outros afazeres.

Perguntamo-nos então: o que ou quem está exigindo a aceleração na produção? Qual é o elemento chave que desencadeia toda uma série de necessidades e exigências? Se o computador e a *Internet* são ferramentas, ou uma caixa de ferramentas, que ajuda o professor a automatizar as tarefas, o que justifica então algumas pessoas não quererem usá-la no seu dia-a-dia? Por que usá-la torna-se um fardo tão pesado? Questionamos aqui o que, de fato, aumenta a sensação de fadiga no trabalho dos professores entrevistados. O aumento de trabalho refere-se, exclusivamente, ao aumento da velocidade e das exigências estimuladas pela inserção das novas tecnologias digitais, ou a exigência de um trabalho dobrado, que além de ser realizado no computador continua sendo manualmente feito?

Essa ainda é a realidade da rotina de trabalho de muitos professores universitários; não sendo bastante o professor dominar sua disciplina e conceitos básicos de informática, ele também tem de arcar com o preenchimento manual de vários diários e formulários que são alterados ao longo do ano.

Como apresentado no discurso abaixo, a irritação (sentimento de irritabilidade), que soa até como um desabafo, é bem presente no cotidiano docente:

“(...) Não é porque existe a Internet que então vamos mandar tudo pro e-mail; se o infeliz de um dia que você não acessou o e-mail e tinha lá um recado de uma reunião não sei lá do que e você não pôde ir porque você não tinha computador, porque você foi ao médico ou alguma coisa assim, aqueles dois ou três dias que você estava atribulada e não acessou a Internet, você perdeu a reunião! você perdeu porque fazem tudo contando com a Internet! (...)”

Parece que, mais uma vez, fica claro não haver ainda uma sincronização entre as condições de um trabalho real (aquele que o professor já realiza com todos os obstáculos “*tech*”) e um trabalho ideal (aquele almejado, no qual a tecnologia seria usada plenamente). Assim, a distância entre as exigências do trabalho e o que é humanamente possível fazer ainda é muito grande. Nesse sentido, a tecnologia ainda não chegou para facilitar ou melhorar a qualidade de vida do professor em algumas universidades; veio, até agora, para aumentar não qualitativa, mas quantitativamente, seu trabalho, pois tudo que, hoje, o professor faz no sistema *online* continua sendo feito manualmente, o que, de fato, aumenta sua carga de trabalho. Tendo mais tarefas para serem realizadas no mesmo período de tempo, a velocidade com a qual elas são desenvolvidas deverá crescer e o tempo deverá ser redistribuído, para que a produtividade não venha a ser prejudicada. Nesta contradição entre o uso que tem sido feito dessas ferramentas e no “**como**” se deseja usar, podemos observar que, mesmo a automação tendo seus aspectos positivos, ela também traz o aumento do trabalho como se pode observar na fala do professor abaixo:

“(...) Porque, por exemplo, começam a jogar tudo para a Internet. Justamente quando eu entrei pra cá (se referindo à Universidade) a gente entregava as notas no papel para a secretaria e eles iam lá e digitavam, agora não, querem que você digite. Então, além de você escrever, de corrigir a prova, de lançar a nota, de somar e não sei mais o quê, você ainda tem que lançar a nota na web, então acaba sobrecarregando (...)”

Ao tratar da rotina em sala de aula, a maior parte dos professores concorda com a idéia de que geralmente usam o *datashow*, por exemplo, como uma substituição do quadro negro ou das transparências usadas no retroprojetor, o que confirma a tese de que a tecnologia não é bem utilizada como poderia. Nem todas

as salas são equipadas com *datashow* ou quaisquer outros recursos de mídia como, por exemplo, DVD, TV. Para o uso desses instrumentos, faz-se necessária uma reserva prévia dos mesmos, o que nem sempre é possível, pois são quantitativamente insuficientes para o número total de professores da universidade.

Outro fator que merece ser destacado é que o computador, usado conjuntamente ou não à *Internet*, disponibiliza um número de ferramentas de trabalho maior que o conhecimento dos professores permite usar. Entretanto, para que elas possam ser usadas na sua plenitude, é fundamental que o educador domine esta tecnologia, ou seja, conheça seu potencial técnico para que possa explorá-la adequadamente; para isso faz-se necessário criar programas específicos de capacitação e incentivo para que os professores busquem uma maior aproximação das novas ferramentas de trabalho.

A maioria dos professores entrevistados disse que em *softwares* de apresentação, como por exemplo, o *Power Point*, eles simplesmente transpõem de forma estática os “blocos” de conteúdo que colocariam em uma transparência ou até mesmo no quadro negro para a mídia. Essa situação pode ser bem representada na fala deste professor, pela comparação dos recursos disponíveis na universidade: quadro, retro-projetor e *datashow*.

“O trabalho funciona como era antes, o que melhorou foi só que o professor prepara o material antes, mas o conteúdo é o mesmo, veja, percorra as salas de aula e veja como os professores usam o computador e o data show! É como se fosse uma transparência mais sofisticada (...) no dia a dia, a modernidade não fez muita diferença.”

Pode-se entender, com esse discurso, que as alterações no trabalho do professor de ensino superior dessa universidade, ainda são muito mais periféricas¹⁰ do que estruturais. Em outras palavras, isso significa dizer que a estrutura informacional da universidade deve ser implementada e aperfeiçoada para ser, potencialmente usada e, definitivamente, produzir os resultados e benefícios esperados com o uso das Novas Tecnologias da Informação (NT’I).

¹⁰A palavra “periférico” pode ser usada em conjunto com várias outras palavras e apresenta os seguintes significados: 1. periférico é o que está ao redor e complementa as funções de uma parte central e estrutural de um organismo maior. 2. equipamento que não integra a unidade central de processamento de um computador. (Dicionário da Língua Portuguesa – Houaiss, 2001).

Parece-nos praticamente impossível pensar em um uso efetivo de tais tecnologias sem pelo menos uma condição: *a reestruturação global da instituição*, o que inclui nos seus vários setores: a organização de uma infraestrutura adequada para receber e utilizar os recursos e, talvez, a missão mais difícil: promover aprendizagem de novos conceitos, o que, por sua vez, irá influenciar diretamente nos aspectos cognitivos, afetivos e comportamentais não só dos professores, mas de todas as pessoas que lá trabalham.

O mar de mudanças na rotina de trabalho docente está bem agitado, de forma que altera a rota de sua embarcação. Os professores se vêm tendo de adotar novas estratégias de navegação até que encontrem uma âncora, como diz Richard Sennett, na qual possam se apoiar. São das incertezas do novo caminho a ser tomado que surgem expressões como: bom uso, mau uso, facilidade e dificuldade quando os professores se referem à utilização das ferramentas disponíveis no computador e na *Internet*.

Assim como o *bom uso* não obrigatoriamente está ligado ao fato de terem facilidade no manejo com o computador, o *mau uso* não se vincula necessariamente às dificuldades.

Assim, identificamos professores que têm facilidade de usar o computador e a *Internet*, mas admitem não fazer o bom uso dos mesmos. O mau uso está muito mais ligado à subutilização das ferramentas e à dificuldade do manejo que o professor tem com a tecnologia, podendo estar aí escondida uma possível resistência por parte do professor e, daí, a dificuldade. Nas falas apresentadas abaixo observa-se uma grande intimidade dos professores com os recursos tecnológicos, intimidade tal que lhes permitiram, inclusive, nomearem-se usando expressões tecnológicas, como podemos verificar:

*“Meu uso do computador é excessivo, **over**, **hard**. Passei esse feriadão todo no computador, é porque **sou professora online**. Então meus alunos todos os dias praticamente eles acessam e-mail, para ver se tem trabalho (...). **Eu sou muito online** (...).”*

“Eu ainda acho que com a velocidade, cada dia aparece uma coisa nova e a gente não está sempre antenado, eu acho que eu uso ainda muito pouco (...). Eu acho pouco pelo seguinte: porque eu estou usando meu notebook, né, que tem um ano, depois de um ano pra cá, outras novas tecnologias já surgiram, quer dizer, por mais que use bem, usar bem é uma coisa, ter facilidade de uso é outra coisa.”

“Não tenho problema de ligar o computador, se me ensinarem um programa novo eu não tenho dificuldade. Eu tenho facilidade (...). Usar bem seria se eu soubesse: ‘olha, tem um programa novo (...)’ ‘se eu soubesse tudo o que está acontecendo, todas as ferramentas’, ‘você está usando assim, mas você poderia estar usando de outra forma’ (...) ‘já tem um programa novo (...) já saiu isso, já saiu aquilo (...)’ não sou da área de informática eu sou da área de matemática eu uso computador como ferramenta. Então, por isso que eu digo saber usar bem seria estar ligado às novidades, ao desenvolvimento dos programas, das ferramentas.”

“Porque hoje tem a facilidade, hoje eu tenho a lista com os e-mails dos alunos, antes eu tinha que copiar no papel, tirar cópia, xerox, trazer pro aluno o material até mesmo as notas de aula. Hoje eu já envio para os alunos via e-mail. A cada turma eu tenho um grupo de e-mail (...). Tenho facilidade, mas não uso bem (...) poderia usar melhor.”

Além de a *Internet* ser um meio, encontrado pelos professores, que possibilita colocar à disposição de seus usuários novos canais para coleta e processamento das informações utilizadas, ela provê condições para a discussão e a disseminação de conhecimentos gerados a partir da atividade de pesquisa acadêmica.

“Ultimamente eu tenho gostado muito, pois minhas filhas me ensinaram a usar o MSN. Eu via as meninas lá em casa usando o MSN, mas eu nunca tinha parado para observar o bom uso que pode ser feito no MSN, como por exemplo, a discussão de trabalhos em grupo. Nós podemos nos encontrar no MSN uma hora para tirar dúvidas.”

“Você pode dividir um trabalho, você pode, vamos supor: ‘ah! Divide o trabalho em 5 partes, você faz a um, você faz a 2 e o quinto fecha. Tem que ter um mediador no grupo que feche o trabalho. Seria uma aproximação geográfica.”

“Há uma grande preocupação das pessoas acharem de que tudo que é antigo é ruim né (...). Os clássicos estão desprestigiados. Os grandes pensamentos estão lá em Aristóteles, Platão, não dá pra esquecer os clássicos. Quem tem uma boa base dos clássicos pode aproveitar muito mais hoje a informação. Tem que saber pra onde está indo (...). Acho que é uma ferramenta boa, mas tem que ser usada, sabendo como usar. Acho que a parte de informática tem que estar muito ajustada ao conhecimento mais amplo. Acho que falta isso nas pessoas: mais filosofia, mais conhecimento básico dos clássicos.”

Uma das idéias mais marcantes nesse tópico diz respeito à transformação da rotina. Em cada período que vivemos são dadas à rotina significados diferentes de acordo com as contingências nas quais a sociedade vive. Esses significados, por sua vez, estão diretamente ligados às necessidades que cada um de nós temos nesses períodos de transição. A tendência de cada um de nós, seres humanos, é a

busca da homeostase no intuito de atingir o equilíbrio cognitivo e emocional na tentativa de diminuir a dissonância que surge, inevitavelmente, em momentos de mudança.

5.1.3

Relações Interpessoais: Eu, os outros e ele (o computador)

“Tudo em nós está em nosso conceito do mundo; modificar o nosso conceito do mundo é modificar o mundo para nós, isto é, é modificar o mundo, pois ele nunca será, para nós, senão o que é para nós.”
(Fernando Pessoa)

As relações interpessoais são, na atualidade, ao contrário do que muitos pensam, ainda muito importantes e são um vínculo a que as pessoas, de modo geral, atribuem grande valor, seja na vida íntima ou no trabalho.

Nos dias de hoje, o que mais se houve falar é que a *Internet* está afastando as pessoas. Mais uma vez aqui é atribuído à *Internet* um poder de separação, como se ela tivesse vida própria. Então a questão que se coloca é se, de fato, a *Internet* tem o poder de afastar ou de atrair as pessoas.

Sennett, Bauman e Castells concordam que os vínculos estão sofrendo modificações na Pós-Modernidade, porém, os dois primeiros autores defendem que as modificações estão acontecendo no sentido negativo, provocando uma série de desestruturas nas relações entre as pessoas. Por outro lado, Castells aponta para modificações consideradas benéficas nessas mesmas relações.

O que o discurso dos professores universitários nos apontou foi uma tendência à concordância com o pensamento desenvolvido por Castells, visto que as novas ferramentas tecnológicas contribuem, caso a pessoa tenha habilidade de relacionamento interpessoal, para a construção, para o resgate e a aproximação de vínculos sociais e pessoais.

Como nas categorias anteriores, os professores demonstraram aqui diferentes opiniões do que pensam a respeito da manutenção das relações interpessoais. Embora haja algumas divergências, a maioria deles chegou à conclusão de que a *Internet*, não obrigatoriamente, afasta as pessoas e que as dificuldades que as pessoas têm em seus relacionamentos, ou para iniciá-los, são

problemas ou dificuldades que estão ligadas às próprias pessoas e não à *Internet* em si.

Assim, atribuem-se as dificuldades de manutenção dos relacionamentos interpessoais, de modo geral, mais às inabilidades pessoais, principalmente de comunicação, do que de fato ao advento da *Internet* como pode ser visto nos discursos abaixo:

“Não tem aquelas pessoas que dizem que a internet afastou as pessoas? Não acho que afastou (...). Hoje, eu me comunico melhor, não só com o aluno, mas também com as coordenações, eu tenho acesso mais rápido a eles. Às vezes essa situação de você ter que marcar uma hora e hoje você pode, você tem o e-mail de uma direção você pode se comunicar com eles ou até mesmo se precisar falar ao vivo, manda um e-mail agendando um horário, marca uma reunião por e-mail. A coordenação se comunica por e-mail: ‘olha quinta-feira reunião!’ E isso funciona, antes não, era uns telefonemas chatos, tinha que te achar a pessoa, 3 ou 4 vezes a mesma secretária ligando, isso que era muito chato.”

“Hoje você manda um bilhete eletrônico e é ótimo! (...) Telegrama era uma coisa mais rápida idéia de rapidez e urgência (...) o telegrama sempre teve a conotação do MSN rápido, passou, chegou.”

“Nem vejo como questão negativa não, eu vejo como dificuldade. Acho que as dificuldades não são dificuldades tecnológicas, acho que já são no campo pessoal, nas relações interpessoais (...) porque cada um é um, cada um tem a sua personalidade, cada um tem sua característica, cada um tem sua forma de ver as coisas e você não tem como mudar a pessoa (...).”

Por outro lado, parte dos professores não vê o uso da *Internet* para comunicação com bons olhos, trazendo, por vezes, sentimentos de desmotivação, decepção e só utilizam os programas de conversa *online* se já conhecem as pessoas, se já são amigos. Vejamos:

“Eu vejo a desvantagem na conversa, eu sou uma pessoa que gosta muito de conversa, sou muito falante gosto de relação com pessoas, gosto de bater papo, mas não gosto de bater papo no computador, pois não me sinto à vontade. Eu vejo pessoas que entram em salas de bate papo, não sabem os valores que elas têm, o que pensam, o que não pensam, se realmente é aquela pessoa que ela diz ser (...) assim eu sou João ou eu sou Manoel, posso dizer também que sou Maria. Eu vou conversar como Maria e a pessoa não vai saber (...) eu acho isso desvantagem (...) acho que vai da índole de cada um, claro, mas tem muitas pessoas que se fazem de outro né (...) tem muitas brincadeiras que as pessoas levam a sério (...) ninguém entra na Internet para analisar o discurso do outro, para fazer análise do discurso, a não ser que seja pesquisador.”

“Eu entro no MSN só quando tem alguém conhecido para conversar, é um lazer, mas não é sempre.”

“Às vezes dá esse tipo de sentimento de decepção, porque você quer falar com uma pessoa, a pessoa tá ali, e às vezes você chama aquela pessoa e ela não responde, ou tá ausente, sei lá (...) você não sabe se aquilo que ela colocou ali no status dela é verdade se não é, entendeu? E na vida real isso não acontece você chama uma pessoa ela vem. E às vezes não é nada daquilo, mas dá uma impressão que a pessoa não quer falar com você (...) meio decepcionante.”

Na falta de pessoas para conversar, alguns professores acabam por transferir algumas falas e sentimentos, que se encaixariam naturalmente se fossem ditos a uma pessoa, para o computador como podemos observar nos exemplos abaixo:

“Eu tinha ciúme do meu computador. Nunca botei senha, mas eu tenho uma relação, horrível isso, de ciúmes com o computador, eu não gosto de ver você sentada no meu computador (...) Sou eu com ele, é como se eu tivesse travando um estudo mesmo, muito estranho, é uma relação mesmo, parece que ele já sabe.”

“A minha relação com a Internet e com o computador é quase humana (...) Quando alguma coisa dá errado eu falo (risos): que encrenca essa Internet, quanto mais eu preciso ela não me atende. Tenho aquela sensação: quanto mais eu preciso de você, você não está aqui! Tenho também a sensação de abandono: logo agora!!!!!!”

“Se eu perco o contato com a máquina, não posso nem imaginar... Sem contar, que minha vida tá lá na máquina, minha agenda, minha agenda de telefone, endereços... tá tudo lá, sem contar outras coisas que estão lá no computador que são vitais para mim.”

E assim, se até pouco tempo o uso da palavra ‘relacionamento’ não era apropriada para se falar da ‘relação’ do homem com o computador, pois como tal só poderia ser estabelecido entre duas ou mais pessoas, eis que surge outro tipo de relação: a relação do homem com o seu computador, tornando essa uma ligação mais próxima e, talvez por isso, menos amedrontadora.

5.1.4

Computador e Internet: Trabalho x Lazer: entre o bem e o mal

*“Criar meu web site
Fazer minha home-page
Com quantos gigabytes
Se faz uma jangada
Um barco que veleje
Que veleje nesse infomar*

*Que aproveite a vazante
Da infomaré (...)*
(Pela Internet, Gilberto Gil)

Trabalho e lazer; os professores parecem ter dificuldades de delimitar o espaço que cada um ocupa em sua vida. Quando pedimos para que falassem sobre o uso do computador e da *Internet* no seu trabalho, os professores mostraram com muita clareza a diferença que consideram ter entre o uso do computador e da *Internet*. Os professores usam sem muitas críticas o computador, mas quando se trata do uso da *Internet*, eles ficam mais receosos.

O ponto comum entre os professores é que o computador é usado sem nenhum fantasma ou culpa enquanto que a *Internet* parece ser ainda um espaço nebuloso e muito ligado a qualidades não muito valorizadas. Vê-se que a *Internet* ainda está muito associada à perda de tempo, jogos, sites de relacionamentos e inutilidades. A única possibilidade para a qual admitem o seu uso vem associada à necessidade profissional, caso contrário, alegam mal estar e arrependimento:

“Neste fim de semana me senti péssima, porque usei o computador por obrigação, então eu usei demais e eu queria ter feito outras coisas, caminhar na praia, ir ao cinema, e fiquei o tempo inteiro trabalhando no computador.”

“Se eu tiver um trabalho de compromisso eu fico com aquela culpa né... tinha que ter acabado, mas se eu estiver me divertindo, se for uma coisa minha assim, eu me desconecto... às vezes dá até um alívio: ah chega de computador!!!”

Pode-se dizer que, de acordo com a maioria dos professores entrevistados, a *Internet* ainda é tida como uma tecnologia que só é usada quando se tem tempo livre, associada ao lazer e ao prazer ou, no caso de extrema necessidade, associada ao trabalho.

Já o uso do computador – sem a conexão com a *Internet* - está mais associado ao trabalho, que realmente veio para substituir a máquina de datilografia e contribuir para facilitar o trabalho docente e não substituí-lo. Os *softwares* tipo *Word*¹¹ e *Excel*¹² são os mais usados para facilitar as atividades e o aumento da produtividade dos acadêmicos em ensino e pesquisa.

¹¹ Word é um programa do pacote Office usado basicamente para edição de textos.

¹² Excel é um programa do pacote Office usado basicamente para cálculos, gráficos, tabelas e outras funções.

Vejam algumas dessas falas onde os professores demonstram claramente essa percepção:

“Particularmente eu acho que eu só sou pesquisadora hoje... a pesquisadora que eu sou, quer dizer (...) a gente não sabe (...) como é que seria de outro jeito, mas o trabalho que eu tenho só é possível por causa da Internet. Ai eu virei professora.”

“Como eu uso a Internet para trabalho, eu não uso Internet para lazer (...) eu recebo muita piada (...) ah! eu não estou com tempo pra ver piada não (risos) então, tem que ter tempo, então eu não tenho essa sensação (...). Eu não consigo imaginar a minha vida sem esse mundo da Internet aos meus pés, ou seja, quando eu falo mundo da Internet, não é brincar, a minha vida com o computador é trabalho.”

“se eu ficar uma semana sem Internet eu não vou ficar deprimido, a não ser que eu precise usar a Internet e a Internet não pegar, a velox cair e não voltar (...) aí sim (...) se tiver que usar pela responsabilidade fico mal, agora, se eu não tiver nada pra fazer, tudo bem (...). Eu tenho outro tipo de trabalho fora da escola sabe (...) tem horas que eu tenho necessidade da Internet.”

Parece que a *Internet* ainda não é usada com tranquilidade pelos professores entrevistados. Ainda não conseguem encarar seu uso de forma séria, para o trabalho e talvez, por isso, façam tanto essa diferenciação entre o uso da *Internet* e do computador. O fato de sempre observarem seus alunos nos laboratórios de informática em sites de relacionamentos, páginas nem sempre muito “confiáveis”, deixou-os ressabiados quanto ao seu uso:

“Ele é um colaborador (risos), um facilitador, ele dá mais velocidade ao trabalho. Agora a teoria tem que ser dada, pois mesmo que tenha um programa que faça, eles (os alunos) precisam saber os fundamentos, então o computador não vai substituir porque os fundamentos fui eu quem fez e colocou ali.”

Conclui-se este tópico com uma citação de Moreira (1998, p. 13):

Assim como jamais um livro somente, ou somente um periódico, pôde ser considerado fator de sucesso ou de insucesso para a condução de uma determinada pesquisa, é preciso que se considere que a Internet não é uma coisa, um bloco inconsútil, mas um conjunto de fontes (na mais ampla concepção do termo) que se molda num ritmo frenético e sem direção, mesmo assim, produtivo em grande parte. Os sistemas de busca representam, hoje, a vitrine desse grande banco de idéias e é tarefa dos profissionais envolvidos, por qualquer forma ou meio com a informação, avaliá-los.

5.1.5

Entre o Real e o Virtual¹³: o que é Real e o que é Virtual?

“A revolução da informação é uma realidade e nela estamos. Afetou a maneira como vemos o mundo e como vivemos nele.”

Kumar (1997, p. 171).

“O virtual possui plena realidade, enquanto virtual”
Gilles Deleuze (Différence e Répétition).¹⁴

A distinção entre o que faz parte do mundo real e do mundo virtual parece não ser muito clara. Enquanto alguns professores consideram dois espaços totalmente distintos, a maioria deles já começa a pensar na relação de proximidade que eles têm.

O mundo virtual - que nos primeiros momentos de vida ganhou conotações negativas tais com perigoso, ilusório, violento e inatingível - parece, hoje, fazer parte cada vez mais do mundo real de forma mais amena e menos avassaladora. Embora ainda seja um campo que precisa ser explorado, como todas as inovações, a maioria dos professores apresentou discursos bem otimistas e realistas do que pensam sobre o mundo real e o mundo virtual. Em contrapartida, também temos professores que ficam preocupados em delinear uma diferença explícita entre os dois mundos. Por último, a comparação feita com uma fotografia deixa clara esta distinção. Vejamos:

“Acho que mundo real e mundo virtual são expressões de modismo... é... acho que é algo que passa... são nomes, slogans: ‘ah! eu agora estou no mundo real, eu agora estou no mundo virtual’. O próprio computador está no tempo real aí, eu ouço essa coisa do virtual, acho que são gírias.”

Nesse caso, pode-se observar que as expressões “mundo real” e “mundo virtual” não passam de neologismos que surgem, naturalmente, sempre que algo novo surge. Poderíamos até completar a frase dizendo: *“daqui a pouco essas expressões já serão tão usadas cotidianamente que elas darão lugar a novas expressões que surgirão com as novidades daquele momento e assim sucessivamente”*.

¹³A palavra virtual vem do latim medieval *virtualis* derivado de *virtus*, força, potência. Definição retirado do livro: “O que é virtual” de Pierre Lévy, Editora 34, 1996.

¹⁴Deleuze, G. Difference and repetition. Traduzido por: Paul Patton. Columbia University Press. New York, 1993.

Nessas duas próximas falas já começamos a ter a sensação da “existência real” do mundo virtual ou, pelo menos, uma ligação entre eles:

“O virtual também acontece de fato... ele acontece, mas não é algo que se vive aqui fora. É algo como se tivesse lá dentro do computador e te ajuda aqui fora e que tem a ver com o que está aqui fora, mas não é o mundo aqui fora...”

“Porque o real é o tempo que acontece de fato... o virtual seria um mundo paralelo... eu acho...”

Mesmo não sendo dinâmica, a fotografia apresentada como similar ao ‘mundo virtual’, mostra o que cada um desses ‘dois mundos’ significa para pelo menos uma parte dos professores. Ou seja, o mundo virtual e o mundo real são distintos, mas não se excluem. Diria ainda que, mesmo distintos, não deixam de ser reais:

“É igual fotografia, fotografia você tira da realidade, mas a realidade é a realidade e a fotografia é a fotografia...”

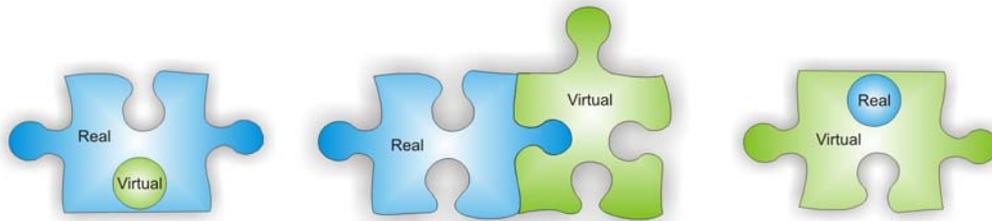
“São mundos bem diferentes né... embora tenham conexões...”

Talvez se substituíssemos a palavra ‘mundo’ por ‘espaço’, ou até mesmo por ‘ferramenta de trabalho’, como alguns professores denominaram, ficaria mais fácil de aceitar esta realidade. A idéia de ‘mundo’ nos remete à idéia da existência de ‘outro planeta’ ao qual nós, seres humanos, não teríamos acesso e, além disso, que fosse habitado por seres nocivos à nossa saúde e a tudo o que se refere ao homem.

Preferimos compartilhar a idéia de que o mundo virtual está inserido no mundo real e que ele é virtual até certo ponto, pois considerando a sua existência e a possível manipulação a partir do teclado de um computador, o virtual torna-se concreto ou, usando as expressões de Zygmunt Bauman, o líquido volta ao seu estado de sólido.

Nesse sentido estaríamos dando significado ao “virtual” pura e simplesmente pela ausência de realidade, sendo definido como aquilo que não pode ser tocado. Levando em consideração o modo como ele se apresenta para nós hoje, cada vez mais presente em nossas vidas, a definição conclusiva do que é

virtual ainda parece estar num “estado gelatinoso¹⁵”. Mas antes de concluir este tópico, colocamos outra questão: qual a verdadeira necessidade de se delinear os espaços entre o real e o virtual mesmo considerando que o virtual se torna cada vez mais real? Se lhe perguntássemos, na sua opinião, que figura traduz com maior proximidade a relação entre o Mundo Real (MR) e o Mundo Virtual (MV), qual você escolheria?



Certamente, a resposta a esta pergunta está ligada diretamente à percepção subjetiva, ao conhecimento e às experiências qualitativas e quantitativas que cada um de nós vivenciamos ou já tivemos com a *realidade virtual*. Nesse contexto, daremos início, a seguir, a uma última reflexão.

5.2

Espelho, espelho meu, me diz agora: quem sou eu?

“O mundo, como o percebemos, é um lugar bastante analógico. De um ponto de vista macroscópico, ele não é digital, mas contínuo. Nada aparece ou desaparece, nada se transforma de preto em branco ou muda de um estado para o outro sem passar por uma transição” (Nicholas Negroponte, p. 20, 1995).

“A digitalização possui muitos méritos. Alguns mais óbvios são a compreensão de dados e a correção de erros, o que é importante na transmissão da informação (...). Estamos, porém, descobrindo que as conseqüências da vida digital são bem mais significativas do que essas” (Nicholas Negroponte, p. 21, 1995).

Podemos observar que os professores têm ciência de que a sua prática mudou. Para além do que está sendo feito ou do que se fazia, eles deixam claro que a grande diferença entre o uso do computador e da Internet no seu trabalho como professor de ensino superior encontra-se mais na elaboração das aulas do que na aula propriamente dita.

¹⁵O termo “estado gelatinoso” usado no texto é uma tentativa bem humorada de definição de um estado que não é sólido nem é líquido e, por ainda estar em um processo de concepção, apresentar caráter indefinido.

Nas análises feitas até este momento, podemos observar como os professores vêm pensando e realizando seu trabalho no dia-a-dia acadêmico. Embora, na maioria das vezes, eles tenham se mostrado confiantes no uso do computador e da *Internet*, as dúvidas e a incertezas em relação ao futuro do trabalho docente ainda os acompanham na realização de suas atividades.

Se, para alguns professores, o computador facilita o processo de trabalho como, por exemplo, com a criação de um banco de dados com textos, questões de prova, artigos pertinentes à sua disciplina, busca de informações atualizadas, troca de material com os alunos e colegas de trabalho, para outros, as dificuldades são imensas e incluem prejuízos no uso de uma “ferramenta” que, além de ser de difícil acesso, é sub-utilizada.

Diante dos prós e dos contras, no que diz respeito à inserção e ao uso das novas tecnologias no cotidiano de trabalho, a maioria dos professores prefere apostar que este momento é muito mais um momento de observação e reflexão do que de julgamento. Para os professores mais audaciosos, questões como: o que pode ser usado ou como pode ser usado são pontos centrais em busca da melhoria na qualidade do seu trabalho.

Por outro lado, podemos considerar natural que, em momentos de transição, como estes que estamos vivendo, as pessoas se sintam confusas e inseguras no que diz respeito ao novo e, portanto, torna-se indispensável paciência e tempo para compreender e estabelecer critérios de uso dessas novas ferramentas. Esse fato mostrou-se presente na fala do professor Sérgio que, embora extensa, foi muito ilustrativa desse momento:

“Existem alguns autores que desprivilegiam o antigo dizendo que a partir da Internet houve uma ruptura total. É uma ruptura, não total, mas é uma ruptura... é outra forma de encaminhar as coisas, porque acelerou, ficou muito mais acelerado...”

Ruptura no sentido de você fazer as coisas diferentes... Igual foi a Revolução Industrial, foi uma ruptura né...? O mundo era mais humanitário e depois passou a ser outro tipo de mundo, melhor em umas coisas e pior em outras. A Internet é uma outra ruptura, eu não saberia dizer como seria isso por que aí teria que estudar mais né, isso é muito estudado pelo Castells, é uma ruptura na forma de pensar. Assim, várias coisas podem ser bem aproveitadas... que eu acho que quem tem a formação básica pode aproveitar essa nova oportunidade, mas o meu medo é de quem quer romper na verdade sem saber do que está atrás... Então eu acho que é muito fetiche... o cara fica assim né... Parece que o mundo começou ali né... e não é né, as dificuldades são as mesmas. De onde eu vim para onde eu vou, as questões são as mesmas. Agora é claro que é difícil analisar o que está acontecendo ainda né, daqui uns 50 anos, saberemos mais, porque essa

revolução de hoje mudou mais na forma que no conteúdo, na velocidade, embora também tenha uma profunda mudança de pensamento né.”

Dessa forma, podemos pensar que as rupturas, com seus novos paradigmas, estão mais associadas à aquisição de novos conhecimentos e formas de pensar e agir do que à tecnologia em si; ou seja, tão significativo quanto saber “o que” fazer é saber “como” fazer.

E aí reside a dificuldade, pois mudar altera conhecimentos, formas de pensar e fazer. Estamos, por exemplo, fazendo uma viagem e em determinado ponto da estrada temos de tomar uma decisão: qual é o melhor caminho? Prosseguir na conhecida e antiga estrada, mas sofrida pela ação do tempo, ou optar por uma estrada nova, cheia de sinalizações, porém desconhecida e exposta também à ação do tempo?

Analisemos uma situação concreta como a escolha de um caminho a seguir tendo duas opções: um caminho conhecido, porém mais longo e cheio de buracos e outro mais curto, novo, só que desconhecido. A escolha mais provável seria o caminho conhecido, mesmo correndo o risco de furar um pneu nos buracos de demorar mais, pois o medo do desconhecido interfere nas nossas decisões e descartamos o novo por conta desse medo, ainda que fosse o melhor para nós.

Analisando agora pelo lado dos processos sócio-cognitivos¹⁶, podemos perceber que as mudanças de pensamento são mais difíceis e levam mais tempo para se efetivar, por isso receamos as inovações. Entre os três aspectos constituintes desse processo, o mais difícil de ser mudado parece ser o cognitivo. Consideramos o mais difícil por estar ligado, essencialmente, à formação de valores e crenças e, em última instância, à construção da subjetividade.

Tomando como base esse raciocínio, as dificuldades que as pessoas têm hoje nos relacionamentos e na forma de se comunicar, por exemplo, são bem parecidas com as que as pessoas tinham antes da *Internet*. Desse modo, a dificuldade existente nas relações humanas deve-se mais às barreiras pessoais de comunicação e a habilidades sociais do que à *Internet* propriamente dita.

Ao contrário do que foi apresentado nos primeiros estudos sobre a influência do uso da *Internet* e do computador, muitas vezes a *Internet* tem se

¹⁶De acordo com os cientistas sociais os processos sócio-cognitivos são formados por aspectos cognitivos, afetivos e comportamentais. Rodrigues, A.; Assmar, E.; Jablonski, B. *Psicologia Social*. Ed. Vozes, RJ, 1999.

apresentado como um instrumento facilitador da comunicação entre as pessoas que apresentavam tal dificuldade na vida real.

A pesquisa realizada por Volkema (1996) sobre as influências do uso da *Internet* no trabalho dos grupos e sobre o desenvolvimento das pessoas constatou que o uso do *e-mail* pode alterar a natureza e a diversidade das relações interpessoais e da estrutura organizacional. As alterações são as mais diversas: reduz as barreiras entre os níveis hierárquicos, aumenta o grau de participação nos processos de trabalho, ou ainda redistribui o poder, à medida que as pessoas se tornam mais acessíveis às informações nas organizações. Segundo o autor, é possível que o desenvolvimento dessas organizações possibilite o surgimento de um modelo de organização virtual.

Nesses espaços, os profissionais ganham agilidade e o trabalho ganha velocidade, pois esses espaços são utilizados para a troca de um grande fluxo de informações e conhecimentos entre as pessoas.

Embora Sennett não discuta claramente sobre o surgimento de um novo espaço, deixa claro que as mudanças ocorridas no trabalho estão permitindo aos profissionais trabalharem em vários lugares que, até então, não se imaginava. No caso dos professores desta pesquisa, mais do que o aumento dos espaços de trabalho, o que podemos observar é que, quando se referem ao excesso de trabalho, estão, na verdade, falando de um acúmulo de atribuições no seu cotidiano acadêmico.

O professor já trabalhava, pelo menos, em dois lugares: na universidade e em casa. Parece que esta alteração apresentada pelos autores de forma tão forte, não faz tanta diferença quando se trata do cotidiano dos professores de ES.

Outro aspecto interessante e comum entre os autores é que os espaços na contemporaneidade estão confusos e misturados, estão sem os limites que lhes davam sentido. Muito embora os espaços de trabalho dos professores não tenham alterado a elaboração de suas aulas, eles se encontram tão misturados que acabam por desorientar sua rotina de trabalho.

Os professores não sabem ao certo, quantas horas por dia trabalham e, embora muitos professores digam só ficar na *Internet* quando realmente necessário, eles passam a noite trabalhando. A nosso ver, o que se misturam são os pensamentos das pessoas acerca do novo e não os “espaços”. Se os pensamentos são diferentes, os afetos também o são e, como consequência,

alteram o comportamento. Os comportamentos mais comuns observados nos professores entrevistados são: a resistência de alguns professores em usar as tecnologias e, por outro lado, a “idolatria” de outros professores que as vêem como “salvadoras da pátria”.

Nesse sentido, dependendo da percepção do professor em relação à sua necessidade pessoal e profissional, o tempo atribuído às várias atividades realizadas é muito diversificado. Não há um padrão pré-estabelecido de quanto tempo deve-se dedicar ao trabalho, à família ou ao lazer; ou seja, o tempo tornou-se mais flexível e varia, portanto, de acordo com as demandas profissionais e pessoais.

Dessa forma, ao contrário da proposta inicial de melhorar a organização pessoal e profissional das pessoas, a flexibilização do tempo e do espaço provoca a sensação de descontrole em relação aos dois campos da sua vida. Essa sensação, por sua vez, “obriga” cada um a fazer seu tempo e a colocar limites diante do assédio - pela facilitação de acesso ao professor e do excesso de informações - , sendo necessário, portanto, cada profissional criar seu “filtro de linha¹⁷”.

De maneira geral, Sennett, Bauman e Castells concordam que as fronteiras estão deixando de existir. A “diluição de fronteiras”, expressão usada prioritariamente por Bauman, vai além da progressiva erosão das barreiras fisicamente encontradas entre diferentes espaços que dificultavam, por exemplo, o acesso das pessoas umas às outras e também às informações.

Tal diluição possibilitou não só a abertura, mas também a facilitação da comunicação presente nas relações, entre os professores, que se originam dentro da universidade. Digo originam, pois a maior parte das relações e da comunicação entre professores, diretores, coordenadores e alunos extrapola os muros da universidade. Quando um professor diz: “tenho maior acesso ao meu coordenador”, em outras palavras ele quer dizer: “não preciso ficar, literalmente, fisicamente, correndo atrás do coordenador dentro da universidade para conseguir falar com ele. Posso estar no lugar em que eu estiver que consigo falar com ele, inclusive da minha sala, onde jamais ele entraria”.

Isso nos leva a pensar que, se por um lado as relações não estão sendo realizadas face a face, por outro lado, parecem estar mais íntimas ou pessoais.

¹⁷Filtro de linha é um dispositivo usado para filtrar a energia que alimenta o computador, filtrando assim, somente a energia boa.

Tanto a pessoa que se encontra de um lado do computador quanto a outra têm a possibilidade de entrar na casa ou no escritório do seu par, mesmo que esse movimento não seja conscientemente percebido. Como isso acontece?

Será que ao fecharmos os olhos entramos na enigmática máquina do futuro e, assim, somos tele-transportados? Infelizmente temos de dizer que isso ainda não é possível. Talvez estejamos um pouco distantes dessa locomoção física (do corpo humano). Mas então, como acontece essa “visitinha virtual”? A permissão de entrada de uma pessoa na casa de outra pode ser autorizada, automaticamente, logo que nos conectamos, em nossas casas, à Rede e estabelecemos uma comunicação ou diálogo com outra pessoa. Estaremos vivenciando aí uma experiência virtual onde “estamos e não estamos” ao mesmo tempo. O computador conectado à *Internet* seria uma espécie de “máquina do tempo”?

Depois de quase 25 anos que o personagem Marty McFly, do filme “De volta para o futuro” estrelado pelo ator Michael J. Fox realizou a aventura de ir ao passado e voltar para o futuro, as novas tecnologias da informação (NTI’s) e o avanço das ciências nos dão condições de fazer essa viagem. Tal viagem possibilitada pela ligação dos computadores em rede por diferentes lugares, bibliotecas e informações nos dá trânsito livre para ir e vir e, além disso, possibilita o estabelecimento de uma comunicação que dá continuidade, ou o início, a uma relação interpessoal.

Mesmo nas relações de trabalho onde se mantém uma relação profissional, propagam-se projetos que reforçam a importância de ter vínculos de amizade para melhorar a qualidade de vida no trabalho dentro da empresa.

Em se tratando de professores do Ensino Superior, a impressão que tivemos é que a falta de vínculos pessoais/profissionais no trabalho deve-se muito mais à correria do dia-a-dia, do trajeto de uma instituição para outra e/ou para outro trabalho, do que a inserção das NTI’s no seu trabalho, o que não deixa tempo para bate-papos mais informais nem o estabelecimento de novos vínculos. Os professores mal terminam a aula e saem para outra instituição. É claro que esta realidade não diz respeito a todos os professores de todas as universidades, pois como já foi dito, as universidades têm horários e vínculos de trabalho diferenciados.

Outro aspecto interessante refere-se à mobilidade das pessoas em espaços virtuais. Os autores concordam que a mobilidade tem relação com a mobilidade

física que o trabalhador adquire para novas estruturas dentro do seu próprio ambiente de trabalho, de um trabalho para o outro, ou seja, de um espaço para outro.

A mobilidade adquirida pelos professores, não necessariamente nos sentidos apresentados por Sennett e Bauman à primeira vista, é realmente bem vinda, especialmente para os professores do setor universitário onde foi realizada pesquisa de campo deste estudo. Se não a maioria, mas pelo menos grande parte dos professores de ensino superior, de universidades privadas, têm outras atividades além da docência na academia. Esse número de atividades “extra-classe” faz com que eles “pulem” de um trabalho para o outro para suprir as necessidades pessoais.

Não é o foco deste trabalho, mas poderíamos cogitar em uma mudança de cidade, de vizinho etc, como Bauman e Sennett defendem, de professores de universidades públicas que escolhem fazer um concurso em outras cidades. Ainda assim, essa escolha é mais uma motivação pessoal do que tecnológica.

Mesmo que, muitas vezes, os sentidos atribuídos pelos autores ao termo sejam um pouco confusos, tanto Sennett quanto Bauman apontam a flexibilidade como negativa trazendo prejuízos a todos os campos da vida social, seja na família, no lazer ou na vida profissional.

Para esses autores, flexibilidade é um conceito muito usado no mercado de trabalho, mas que sua funcionalidade é ilusória, pois, na verdade, quando as empresas descentralizam o poder na tomada de decisões e o repassam para os funcionários, elas não estão somente passando o poder de decisão, mas toda a responsabilidade que a elas se refere. Desse modo, há o surgimento de medos e ansiedades por não saber lidar ainda com algo novo, flexível, ou seja, com tarefas que a princípio não faziam parte do perfil do cargo ocupado pelo funcionário.

Como quase tudo que surge na sociedade, os grandes acontecimentos ou as grandes inovações nos conduzem, ao longo do tempo, à mudanças na nossa forma de pensar e de fazer as coisas. Com os relacionamentos não é diferente. Os relacionamentos interpessoais também são marcados por reflexos dessas mudanças que, inevitavelmente, de uma forma ou de outra, mais *light* ou *hard*, provocam reconfiguração nas relações humanas. Se essas reconfigurações são boas ou más, ou seja, se elas aproximam, como diz Castells, ou fragilizam os vínculos entre as pessoas, como defendem Bauman e Sennett, não se deve ao

instrumento em si, ao que é usado (no caso, o computador), mas sobretudo, ao **como** é usado.

Uma observação válida é que o discurso dos professores é sempre permeado por contradições e pré-julgamentos tópicos de pessoas que ainda não se aproximaram do objeto novo. A resistência ao novo é natural do ser humano. Aquilo que não conhecemos gera, inicialmente, uma resistência que vai diminuindo gradativamente ao longo do tempo e à medida que nos aproximamos do novo objeto. O tempo, neste caso, torna-se um ponto central já que cada indivíduo, diferentemente do computador, tem um processamento singular das informações.

Considerando que cada professor processa as antigas e as novas tarefas do seu trabalho acadêmico em tempo diferenciado, não há como negar que a nova rotina mudou o cotidiano dos trabalhadores. Castells (1999a, p. 289), nesse sentido, fala de “situações fluidas” que resistem à generalização e à padronização, ou seja, situações que estão constantemente mudando, só que, ao contrário do que Sennett e Bauman pensam, essa freqüente mudança, para Castells, é característica primordial do mercado de trabalho na contemporaneidade.

Pode-se dizer que as situações fluidas nascem justamente a partir do fluxo de informações possibilitado pela interconexão dos computadores em rede, ou seja, as trocas e os acessos às informações em “situações fluidas” impulsionam, segundo Castells, o mercado de trabalho, mas ao mesmo tempo, exige-se dos trabalhadores um esforço maior para acompanhar as atualizações diárias.

Basicamente temos como idéias relacionadas à rotina uma ação, conhecimento que se repete com freqüência e chega a ser previsível. Também podemos ver como uma situação cansativa e estressante, geradora de vários distúrbios psicossomáticos e físicos.

Diante das freqüentes mudanças, a rotina, atualmente, deixou de ter qualidades tão negativas e passou a ser desejada. Fica difícil pensarmos, hoje, em um conceito fechado de rotina se levarmos também em consideração a imprevisibilidade das mudanças. Atualmente as pessoas estão se queixando que não podem prever nada, que é difícil programar e fazer um planejamento a longo prazo. Não é difícil ouvirmos: “antes, as coisas eram previsíveis, você podia programar uma compra, por exemplo, hoje as coisas estão mudando com tal velocidade que, quando você pensa em planejar, as coisas já mudaram”. Então

vem o questionamento: como pensar em um conceito atual de rotina de algo que está sempre mudando?

Há uma controvérsia: antes as pessoas queriam mudanças, pois alegavam estar cansadas da rotina. Agora as mudanças estão “pipocando” e as pessoas alegam necessitar de uma rotina.

Parece claro que a rotina trazia certo conforto e segurança às pessoas e a falta dela traz insegurança às pessoas ou, pelo menos, um desconforto.

Poderíamos dizer que pensar na relação rotina x mudança é tão dicotômico quanto pensar em realidade virtual. Hoje, o virtual já é realidade.

Mas, o que é virtual? Virtual, como disseram alguns professores, parece ser mais um neologismo, certo modismo fabricado socialmente, pois o passar do tempo permite, gradativamente, que o virtual torne-se cada vez mais real. O mundo não começou e, muito menos, está terminando com o advento da *Internet* e do computador. Se fossemos fazer um estudo ao longo do tempo, certamente, chegaríamos à conclusão de que as questões humanas permaneceriam praticamente as mesmas e, mesmo se não fossem, elas não deixariam de existir. O que começou foi uma nova fase desse mesmo mundo, no qual será necessário o estabelecimento de novas regras sociais para que se possa enfrentar, vivenciar e aproveitar o que o novo cenário digital tem a nos oferecer, como nos diz Nicholas Negroponte¹⁸ em seu livro intitulado: “A Vida Digital”:

“Thomas Jefferson nos legou o conceito de bibliotecas públicas e o direito de consultar um livro de graça. Mas esse nosso grande antepassado jamais considerou a possibilidade de 20 milhões de pessoas terem acesso eletrônico a uma biblioteca digital, podendo retirar dela o material desejado sem nenhum custo.” (Negroponte, 2006 p. 10).

Além da acessibilidade sem fronteiras às bibliotecas, outros serviços podem ser efetuados nessa mesma lógica. Pode-se comprar livros, publicações, revistas especializadas e participar de cursos, seminários, congressos e treinamento em geral. É uma forma tradicional, mas eficaz, de obtenção de informações especializadas. Entretanto, dada a atual explosão no uso da rede mundial de computadores, não se pode deixar de lado a recente superação dos

¹⁸Nicholas Negroponte é um dos fundadores e professor do Media Lab, o laboratório de multimeios do MIT (Massachusetts Institute of Technology). “A Vida Digital” livro de sua autoria, foi publicado em 1995 e relançado em 2006.

obstáculos iniciais de hardware e software, tornando viável para qualquer pessoa, principalmente para professores e alunos, acessar serviços e informação na *Internet*. Grande parte das pessoas, influenciadas ou não pela literatura estrangeira, falam que o mundo mudou, que há maiores taxas de desemprego, que não há trabalho para todos, mas a questão é que não se vê ou não se divulga o surgimento de outros cargos, trabalhos e funções. Na verdade, pensamos que a informatização substituiu sim alguns tipos de atividades, mas que, por outro lado, abriu novas janelas para novos tipos de trabalho. Quando se diz que não há trabalho para todos, que o mercado está saturado pensamos em fazer referência mais às tarefas e cargos que não existem mais do que a falta deles propriamente dita. E, obviamente, com novas atribuições, faz-se necessário uma especialização por parte das pessoas para executar novas tarefas.

De acordo com Passarelli (1997), os novos paradigmas para a educação consideram que os alunos devem ser preparados para conviver numa sociedade em constantes mudanças, assim como devem ser os construtores do seu conhecimento e, portanto, serem sujeitos ativos desse processo, em cuja construção, a “intuição” e a “descoberta” são elementos privilegiados. Neste novo modelo educacional, os professores passam a atuar como facilitadores do processo de aprendizagem, no qual o aprender a aprender é privilegiado em detrimento da memorização. A nova tecnologia nos obrigará a tal mudança, pois ela é uma tecnologia de aprendizagem e não de ensino.

Conclui-se, portanto, que é necessário estudar e pesquisar mais para melhor aprender as características gerais do processo de difusão de inovações e que o conhecimento e domínio de novas técnicas em si consiste apenas em um dos componentes do todo que caracteriza a sua implementação, associado aos papéis que os indivíduos desempenham. Esta caracterização dos perfis dos professores quanto ao uso de TI (Tecnologia da Informação) pode também influenciar a outra parte, os alunos no uso destas tecnologias para o ensino e aprendizagem.

Autores como Castells, Kumar e Meyrowitz concordam que, na contemporaneidade, há uma transformação da empresa de formato piramidal em uma empresa mais horizontal e ramificada. Assim, os cargos de alto escalão podem, a partir das novas tecnologias, acessar ou serem acessados por qualquer outra pessoa de dentro da empresa. Essa comunicação não fica somente no limite

geográfico da empresa. Ela vai muito além dos seus muros físicos possibilitando contatos com qualquer pessoa em qualquer lugar em que ele esteja.